

ZATLIN, Phyllis. *Theatrical Translation and Film Adaptation: A Practitioner's View*. Clevedon: Multilingual Matters, 2005. 222p.

Resenhado por Juliano Rodrigues*

Theatrical Translation and Film Adaptation: A Practitioner's View, da pesquisadora Emérita da Rutgers University, Phyllis Zatlin, mistura, ao longo do texto, observações acerca de metodologias e práticas de tradução, bem como apontamentos teóricos que surgem ao equacionar tradução, adaptação, teatro e o processo de acolhimento da dramaturgia pelo cinema. Ao se debruçar sobre a narrativa teatral, a autora se propõe a compartilhar suas próprias experiências como tradutora de peças, em sua maioria obras nativas nos idiomas espanhol e português. Assim, convida o leitor a acompanhar, de maneira um pouco mais próxima, o funcionamento de engrenagens que ficam na maior parte do tempo por trás dos textos. Ela também faz levantamentos pontuais sobre o que foi escrito e pensado até então sobre o tema, deixando bem claro que, em qualquer tradução teatral que se faça, de maneira alguma se está partindo do zero.

Logo nas primeiras páginas, é possível perceber que o livro se apresenta como uma obra proposta a discutir não apenas questões práticas da tradução de peças de uma língua para outra, mas também suscitar uma discussão que, além de instigante, parece ser bastante cara à comunidade tradutora. Essa discussão se instaura com base nas possibilidades de se traduzir um texto teatral, de um lado, com vistas à sua performance ou à apropriação para direção e produção ou, por outro, visando seu consumo como literatura. Embora o posicionamento da autora quanto a isso fique bastante diluído ao longo do texto, é possível observar sustentações não excludentes para ambas possibilidades, o que em muito qualifica a reflexão da autora.

Zatlin acrescenta ainda, quase ignorando a rica história de sua própria pesquisa e carreira como tradutora, que esta obra deve ser tomada como um ponto de partida para uma discussão, e não como um estudo capaz de abarcar todas as ramificações e complexidades dos temas que integram os vastos campos da tradução e da adaptação. Apesar disso, poucos objetos e modelos de tradução restam não contemplados ao longo do livro. Ciente de suas limitações, a própria autora apressa-se em elencar alguns deles, como os *libretti* de ópera, a dramaturgia em verso e os casos de tradução intralingual.

Os oito capítulos que compõem o livro versam sobre diversos temas ligados à tradução e à adaptação sem passar a impressão de um foco muito aberto ou energia desperdiçada em muitas direções. Junto disso, fica a impressão de fôlego e polpa articulada pela autora ao debater sobre os percalços que a tradução pode oferecer à construção de uma dramaturgia específica. Estes problemas, discutidos ao longo do livro, levantam um questionamento sobre a peça como um objeto de literário lacrado, longe dos palcos. Também são observadas as dificuldades geradas pelo cruzamento cultural articulado pela colaboração entre tradutores, órgãos e instâncias de amparo à tradução. As ansiedades de públicos específicos por um tipo particular de adaptação de um texto original também são equacionadas na cartilha de problemas levantados pelo processo tradutório de uma peça segundo a autora.

Essas preocupações relatadas por Zatlin não se resumem numa perspectiva generalizada do processo tradutório. Valendo-se de exemplos emblemáticos da dramaturgia

* Bacharel em Comunicação Social - Realização Audiovisual pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e mestrando em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

contemporânea, ela aponta sinuosidades do caminho enfrentado pelo tradutor ao se deparar, por exemplo, com as particularidades do momento em que cada texto se encontra, alertando para as possibilidades de alteração causadas por uma encenação ou apropriação da obra por um diretor que não seja o autor da peça.

As dificuldades linguísticas também ganham espaço na discussão provocada pela autora. Isso se dá ao refletir sobre as criações de algumas peças bilíngues, obras propostas para lugares que se organizam com naturalidade ao redor de mais de um idioma. Também é possível encontrar uma colocação de ordem mais teórica, relativa à própria dualidade psicológica de alguns autores ao se dividirem em múltiplos idiomas ao longo de seu texto. Zatlin também prevê e relata as dificuldades ligadas a rubricas de sequências gestuais. Estas, numa opinião corroborada por outros pesquisadores e autores, parecem demandar um processo tradutório mais apurado. Isso gera problemas que quase caem nas questões que são da conta da direção da peça, mas, passam primeiro pelo tradutor.

A adaptação audiovisual aparece, de maneira mais elaborada, em capítulos mais tardios e sem se debruçar sobre relações que fogem à história de pesquisa da própria autora. Ela vê a dramaturgia como um objeto excessivamente verbal, estático demais ou estreitamente dependente de um décor de cena, logo, distante de uma acomodação natural dentro de uma linguagem cinematográfica. Esta proposta aparece tanto numa porção do texto cunhado nas palavras da autora quanto corroborada por outros autores como Gerald Mast e André Bazin. Essa interculturalidade leva Zatlin a buscar as especificidades que constituem e diferem tanto filme quanto teatro, para, assim, apontar para as porções que se interseccionam nas duas mídias. Essa análise configura-se como uma tentativa de observar, de forma mais detida, a relação entre objeto a ser traduzido e as demandas de adaptação necessárias para que ele consiga transitar entre mídias diferentes com algum sucesso.

Embora a problematização da fidelidade à obra traduzida seja um elemento que perpassa inúmeras outras obras sobre os temas da tradução e da adaptação, no texto de Zatlin, ela aparece minimizada e mais distante numa hierarquia de reflexões encabeçadas pelo questionamento de até que ponto, ao se traduzir uma peça, deve-se adaptar o conteúdo para uma audiência específica a fim de se obter êxito na performance. Essa reflexão, a um só tempo profundamente conceitual e de ordem prática, está ancorada na interessante premissa de que um espectador que assiste a um filme ruim volta ao cinema, mas que uma peça ruim pode fazer o espectador não voltar mais ao teatro.

De um modo geral, mesmo o leitor mais casual desses temas não fica desamparado no meio das reflexões sobre o que se configura como dramaturgia ou mesmo sob quais crivos os manuscritos traduzidos deveriam passar antes de chegar ao estágio de publicação. A autora aborda de maneira um pouco rala, mas, certamente não obtusa, as questões adaptativas que as obras teatrais podem demandar antes de acabar nas telas de cinema. Felizmente, no que conclui a autora, não há uma estratégia que dê conta do trânsito de uma obra para outra língua ou para outra mídia, mas há um exercício de liberdade comunicativa que a tradução causa ao arrumar o material, mudar tons e se diferenciar, reinventando a si mesma.